

## **Considerações do Pacto Fáustico em “Grande Sertão: veredas”**

*Francieli Santos Rossi - UNEMAT<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar as considerações do Pacto Fáustico na obra “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa. Porém, a afirmação sobre o pacto torna-se cada vez mais difícil, pois o protagonista-narrador demonstra dificuldade em organizar seus pensamentos, além de mostrar incerteza sobre a existência do Demo. Riobaldo, diferentemente de outros protagonistas fáusticos, como “Fausto” de Goethe, em meio à dúvida e ao medo tenta compreender e ao mesmo tempo negar as possibilidades da concretização do pacto entre homem e demônio. Este trabalho foi desenvolvido através da pesquisa bibliográfica, leitura, análise e interpretações de livros, revistas e artigos científicos que abordam o assunto estudado. Além da caracterização do pacto fáustico, a obra também enfatiza a visão maniqueísta, baseada na concepção dualista absoluta do mundo como fusão de espírito e matéria, que estão representados respectivamente pelo bem e pelo mal.

**PALAVRAS CHAVE:** Pacto Fáustico, Grande Sertão: Veredas, visão maniqueísta.

**ABSTRACT:** This study aims to examine the considerations of the faustian pact on the book "Grande Sertão: Veredas" of Guimarães Rosa. However, the statement about the pact becomes increasingly more difficult as the protagonist-narrator demonstrates difficulty in organizing his thoughts as well as in showing certainty about the existence of the Demo. Riobaldo, unlike other Faustian protagonists, like Goethe's Faust, in the midst of doubt, fear and guilt tries to understand and, at the same time, deny the possibilities of implementation of the pact between man and demon. This work was developed through literature research, reading, analysis and interpretations of books, magazines and papers that address the subject studied. Besides the characterization of the Faustian pact, the book also emphasizes the Manichean vision, based on the absolute dualistic conception of the world as a fusion of spirit and matter, which are respectively represented by good and evil.

**KEYWORDS:** faustian pact, "Grande Sertão: Veredas", manichean vision.

Em “Grande Sertão: Veredas” a dualidade entre o bem e o mal é bastante evidente e intrigante. João Guimarães Rosa também utiliza o mito fáustico para narrar a saga do protagonista da obra.

---

<sup>1</sup>Departamento de Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, CEP 78.300-000, Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil.

Este longo monólogo narra a vida de um ex-jagunço e o seu estranho amor por um companheiro de batalha em meio ao sertão brasileiro. A estória narrada por Riobaldo centra-se no relato de suas aventuras como jagunço, seu sentimento inexplicável pelo amigo Diadorim, que no final do drama, descobre-se que é uma mulher que assume a personalidade de homem, e a dúvida da realização do pacto com o diabo para realizar a vingança contra seu rival - Hermógenes.

Proença M. Cavalcanti menciona que a interpretação do monólogo construído por Riobaldo se faz a partir da análise da estrutura da obra, dividido por ele, em um plano objetivo e outro subjetivo:

Grande parte do livro se estrutura em duas linhas paralelas: a objetiva, de combates e andanças – criadoras da personalidade do jagunço que termina chefe de bando – e a subjetiva, marchas e contramarchas de um espírito estranhamente místico, oscilando entre Deus e o Diabo. (PROENÇA, 1976, p. 160)

Sendo Riobaldo o protagonista e narrador, todo o romance assume a forma de um relato autobiográfico feito a um personagem, invisível e calado dentro da narrativa. Anônima, essa pessoa veio de fora do sertão, procurando pelo ex-jagunço e dispondo-se a extrair dele a história de sua vida.

O depoimento que então se desenrola, ata entre ambos os laços até certo ponto paradoxais de uma interlocução monológica, em que o diálogo é apenas pressuposto e contido dentro do monólogo – iniciado e nunca fechado pelo gráfico do texto, um travessão.

Durante a narrativa percebemos as diferenças culturais entre o protagonista e o ouvinte: um deles é um sertanejo tosco, o outro um cidadão cultivado. Embora o interlocutor não se configure na narrativa, pois todo o romance é constituído por uma única fala, emitida por Riobaldo, ficamos sabendo pelos comentários do protagonista que o ouvinte chegou de longe, da cidade, de jipe. Veio conhecê-lo e estimulá-lo a falar sobre as suas experiências. Usa óculos, tem o título de doutor e toma notas numa caderneta, incessantemente.

O Riobaldo que começa a narração para o ouvinte que vem de longe é um fazendeiro deitado numa rede na varanda da sede, fazendo as honras da casa. Porém, o protagonista ao narrar suas aventuras vai construindo na imaginação do leitor outros Riobaldos: o fazendeiro, o jagunço, o homem apaixonado capaz de fazer qualquer coisa pelo seu amor, o pactário, o professor de Zé Bebelo.

Dentro desta perspectiva, Walnice Galvão (2008, p. 24) observa que o protagonista de “Grande Sertão: Veredas” é um vivente de avatares, mostrando diferentes faces, conforme as etapas (trajetória) de sua vida. Riobaldo já foi bastardo pobre, agregado de seu padrinho, ou melhor, de seu pai Selorico Mendes; professor e secretário de Zé Bebelo; jagunço de Joca Ramiro; lugar-tenente de Zé Bebelo; pactário e chefe de jagunços; Tatarana e chefe Urutu-Branco. Já a face final da personagem é a de um fazendeiro apaziguado, casado com uma mulher por nome Otacília. Ele nesta última etapa de sua vida dedica-se a remoer seu passado, tentando entender quais seriam as determinantes de certas decisões, que peso poderia ter o acaso ou a necessidade em seu percurso, e sempre dentro de um horizonte sertanejo, quais teriam sido nesse evoluir os papéis de Deus e o diabo.

A personagem de Riobaldo diante a narração sobre os fatos ocorridos em sua vida tenta dar sentido e organizar em palavras as experiências confusas e aleatórias dos acontecimentos. Ele imagina que aquele forasteiro, intitulado de doutor, poderá ajudá-lo a compreender até que ponto o homem pode aliar-se as forças sobrenaturais para alcançar um determinado propósito. Willi Bolle sobre a presença do interlocutor na obra menciona:

... com efeito, é a questão do pacto que fundamenta toda narração. Atormentado pela culpa, Riobaldo quer saber se de fato ele firmou um pacto com o Diabo, sendo que ele não tem certeza de que o Cujo existe. Ele narra sua história para o interlocutor, querendo ‘[...] armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho... Riobaldo gostaria que o doutor da cidade o reconfortasse na ideia de que o Diabo não existe. (BOLLE, 2004, p. 36).

Assim, em meio aos sentimentos de medo e de culpa, Riobaldo confessa ter feito um pacto com o diabo para obter algumas vantagens, em seu caso, queria ter o corpo fechado para matar Hermógenes, o inimigo de seu amor proibido - Diadorim, como também ter capacidade para liderar o bando de jagunços do qual faz parte.

No entanto, a efetuação do pacto entre Riobaldo e o demônio não se dá instantaneamente em sua narração, porque, acreditar na existência do diabo, aceitar o pacto e cumprir sua parte é a grande dúvida metafísica de Riobaldo em torno do tema. O protagonista narrador de “Grande Sertão: Veredas” escolhe a conversa como forma de levantar as suas dúvidas e purgar a sua culpa na morte de Diadorim. Logo no início do monólogo, Riobaldo expõe as suas incertezas:

... Viver é um negócio muito perigoso. Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso – por estúrdio que me vejam – é de minha certa importância. Tomara que não fosse...Mas, não diga que o senhor, assidado e instruído, que acredita na pessoa dele? Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela – já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: ‘menino do diabo’? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemunho... (ROSA, 2006, p. 26-27)

O protagonista diante ao sentimento de culpa tenta negar a existência do diabo, porém, compreende que o demo vive dentro do estado preto dos homens, fazendo com que esse seja influenciado por essas forças sobrenaturais e, acima de tudo por vontades e sentimentos incontroláveis.

Riobaldo em seus relatos imprecisos, expressa uma única certeza: o poder de Deus sobre a humanidade, entretanto, demonstra preocupação em saber até onde os homens são criaturas de Deus ou escravos do diabo:

Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe- mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande sertão e a forte arma. Deus é um gatilho... O ruim com o ruim, terminam por espinheiras se quebrar- Deus espera essa ganância. Moço! Deus é paciência. O contrário, é o Diabo. Se gateja... O Demo é buliçoso. Aquilo mesmo que a gente receia de fazer quando Deus manda, depois, quando o diabo pede se perfaz. (2006, ROSA, p. 56).

O personagem-narrador, a partir dessa afirmação diz acreditar na existência de Deus, mas também compreende que o diabo pode influenciar os homens através da agitação de espírito e as revelações trazidas pela vida. Assim, a personagem sempre lembra ao forasteiro: ”viver é um negócio muito perigoso...” (p. 15).

Por mais que o protagonista tente negar a existência do diabo, ele afirma que durante suas andanças como jagunço, ficou sabendo, através de relatos populares, que seu inimigo tinha o corpo fechado devido ao pacto que fez com o demo, assim, nada poderia feri-lo:

- E os Judas? – perguntei, com triste raciocínio... - Se diz que eles têm uma proteção preta... – João Goanhá me esclareceu: - O Hermógenes fez o pacto. É o demônio rabudo quem pune por ele... Nisso todos

acreditavam. Pela fraqueza do meu medo e pela força do meu ódio, acho que fui o primeiro que cri. (ROSA, 2006, p. 66).

Riobaldo, após ficar sabendo do suposto pacto entre Hermógenes e o demo, deixa transparecer que a existência desse passa a ser analisada por ele, caso os boatos fossem verdadeiros sua vingança não poderia ser concluída. A partir de então, o protagonista observa que o homem se caracteriza como um ser limitado, que necessita de forças superiores para alcançarem determinados objetivos.

O protagonista de “Grande Sertão: Veredas” em seus relatos diz sentir ódio por Hermógenes, porém não sabia definir as razões para tal sentimento. Para ele aquele homem era um ser desprezível, insignificante, mas o seu relacionamento com Diadorim o fazia retribuir o ódio que seu amor sentia pelo rival, nutrindo cada vez mais a vontade de vingar a morte de Joca Ramiro:

E esse Hermógenes eu odiasse! Só o denunciar dum rancor – mas como lei minha entranhada, costume quieto definitivo, dos cavos do continuado que tem na aversão não carecia de compor explicação e causa, mas era assim, eu era assim. Que ódio é aquele que não carece de nenhuma razão? Do que acho, para responder ao senhor: a ofensa passa se perdoa; mas, como é que a gente pode remitir inimizade ou agravo que ainda é já por vir e nem se sabe? Isso eu pressentia. Juro de ser. Ah, eu. (ROSA, 2006, p. 394).

Riobaldo, mesmo sem entender este ódio por Hermógenes, decide cumprir o desejo do seu incompreensível amor: matar o chefe do bando inimigo. Mas, também sabia que isso só seria possível se ele também tivesse o corpo fechado. Dessa maneira, na busca de alcançar esse objetivo decide pactuar com o diabo:

Afora eu. Achado eu estava. A resolução final, que tomei em consciência. O aquilo. Ah, que – agora eu ia! Um tinha de estar por mim: o Pai do Mal, o Tendeiro, o Manfarro. Quem que não existe, o Solto-Eu, o Ele.... Agora, por que? Tem alguma ocasião diversa das outras? Declaro ao senhor: hora chegada. Eu ia. Porque eu estava sabendo – se não é que fosse naquela noite, nunca mais eu ia receber coragem de decisão. Senti esse intimado. E tanto mesmo nas ideias pequenas que já me aborrecendo, e por causa de tantos fatos que estavam para suceder, dia contra dia. (ROSA, 2006, p. 418).

O protagonista diz ao forasteiro que seu amigo Diadorim tenta convencê-lo sobre a ideia absurda de pactuar com o diabo. Até porque, não havia confirmação de que Hermógenes era mesmo um pactário. Riobaldo, afirma ao interlocutor que Diadorim tentou protegê-lo como os anjos fazem com seus protegidos:

No Tamanduá-tão puxei Diadorim para perto de mim, sem saber por quê. Aquilo não tinha significado. Só fiz querer Diadorim comigo. Não é o anjo-da-guarda que nos livra dos perigos? Desde menino, quando tive medo e atravessar o São Francisco foi aquele menino que me deu coragem... (ROSA, 2006, p. 416).

Entretanto, Riobaldo mesmo aconselhado por Diadorim a não efetuar o pacto, vai até as Veredas-Mortas na busca de efetivá-lo, pois sabia que no fundo esse era o maior sonho de seu companheiro e amor.

Durante a narração, Riobaldo novamente se depara com o sentimento de culpa e pergunta ao interlocutor se este acredita no Demo, sem obter a resposta do forasteiro, ele analisa:

... o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção – proclamar por uma vez, artes assembléias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranqüilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?... (ROSA, apud CANDIDO, 2000, p. 36).

Esta indagação do narrador reflete o sentimento de culpa que tanto o incomoda e inquieta seu espírito, caso o governo decretasse que o diabo não existe, suas lembranças como pactário se registrariam apenas como um devaneio, o fruto de sua imaginação. Dessa maneira, a morte de Diadorim seria uma obra do destino e não a consequência de um pacto com o demônio.

O que podemos perceber durante toda a narrativa é a imparcialidade de Riobaldo na confirmação do pacto com o Diabo. Suas reflexões, na mesma hora que nos levam a acreditar na efetuação do acordo, também deixam vaga à existência do Demo.

Segundo Walnice Nogueira Galvão (2001, p. 259), “por mais que Riobaldo nega-se ao interlocutor acreditar na existência do diabo, as circunstâncias (o assassinato de Joca Ramiro) fizeram-no repensar nesta possibilidade”. É então que Riobaldo, tendo ouvido há tempos que Hermógenes tinha feito pacto com o Diabo para obter o corpo fechado, isto é, torna-se invulnerável a qualquer ferimento, decide que, para confrontar um pactário, só outro pactário.

O protagonista acaba compreendendo que a vingança só poderia cumprir-se caso ele tivesse, além do corpo fechado, coragem para enfrentar e matar Hermógenes. No fundo, Riobaldo sabia que suas limitações, fraquezas e seu medo não permitiriam que ele vingasse a morte de Joca Ramiro. Pois, o narrador percebia que o corajoso naquela estória não era ele, mas seu companheiro Diadorim, caracterizado durante as suas

narrativas como um anjo, aquele que lhe socorria quando suas limitações, medos se apoderavam dele.

Após o pacto com o demônio, Riobaldo surge como um novo homem. Ele aparece marcado pelo sinal básico da teoria iniciatória: a mudança do ser. O iniciado, pela virtude das provas a que se submeteu, renasce praticamente, havendo um grande número de sociedades que fazem a iniciação consistirem na simulação da morte seguida de ressurreição.

Candido (2000, p. 133), analisa que em “Grande Sertão: Veredas”, Riobaldo sai transformado, endurecido, arbitrário, roçando a crueldade, na prepotência das funções de mando que logo assume, em contraste com a situação anterior, em que as tinha rejeitado. Mesmo o seu sentimento por Diadorim, que apesar da revelação na Guararavacã do Guaicuí, tinha permanecido nos limites da dúvida, ou pelo menos da severa repressão, desponta com certa agressividade, como se os impulsos estranhos (dadas à ignorância do verdadeiro sexo do amigo) tendessem agora a manifestar-se, com a sanção do pacto. É Diadorim, aliás, quem nota imediatamente a mudança, chegando a perguntar “se alguém te botou malefício” (p. 245).

Riobaldo e Diadorim eram tão próximos um do outro, que a jovem nota quanto o protagonista está mudado, aquele homem antes confuso, medroso, agora começa uma vida mais corajosa, mais aguerrida. Neste momento ele seria mais impetuoso, confiante e teria coragem para liderar o bando e matar Hermógenes. Algo no íntimo de Diadorim lhe dizia que o companheiro tinha efetuado o pacto com o demo, essa era a explicação mais lógica para tanta mudança na personalidade daquele jagunço.

Diante a mudança de comportamento sofrida por Riobaldo, Afrânio Coutinho (1986, p. 508), destaca que o protagonista durante a estória sofre metamorfoses:

Na realidade, há três Riobaldo: o jagunço, o herói problemático; o fáustico, pactário – herói resoluto, mas que se trai a si mesmo; e o místico, herói frustrado, a partir do qual é dada a narrativa. O romance começa, e todo ele é a evocação de sua vida, portanto, não mais a estória de um homem de ação, mas de um homem que se interroga. De algum modo, um romance de ilusões perdidas. (COUTINHO, 1986, p. 508).

Essa mudança de comportamento serve ainda mais para que o narrador-personagem reflita sobre a realização do pacto com o diabo. Pois, Riobaldo tem consciência que essa transformação ocorreu após ele ir até as Veredas-Mortas e evocar

o demônio. E novamente o sentimento de culpa predomina na consciência do protagonista, que tenta durante toda a narrativa, entender até que ponto o amor leva o homem a pactuar com o diabo.

Nessa construção antagônica, bem/mal; Deus/diabo; dor/alegria a narrativa vai construindo a ambiguidade em torno dos fatos. Riobaldo por amor a Diadorim alia-se ao mal para conseguir cumprir sua vingança e ao mesmo tempo realizar o sonho da jovem (vingar a morte do pai – Joca Ramiro). Para o protagonista a associação com o demônio representaria a maldade, mas o bem pela coletividade, no caso o bem para o bando que ele liderava. Entretanto, o final que deveria ser feliz para o narrador, pois Hermógenes é assassinato, também se constitui como doloroso, já que sua amada também morre.

Observa-se que “Grande Sertão: Veredas” rompe com algumas estruturas do pacto fáustico, até então as obras que abordaram esse tema, como por exemplo, “Fausto” de Goethe, não trazem o discurso dos pactuados, a narrativa foca-se na relação mantida entre os homens e o diabo, porém, em nenhum momento os pactários têm voz para relatar o que sentiram depois do pacto (remorsos, arrependimentos, dúvidas, etc.). É como se tudo ficasse preso em torno da temática: os motivos que levaram as personagens concordarem com o pacto, os objetivos alcançados, as consequências, a irreversibilidade de causa.

Já o protagonista de “Grande Sertão: Veredas” expõem o discurso do pactuado. Pode-se observar nesse longo monólogo as confissões de um ex-jagunço que procura através de uma entrevista, questionar a existência do diabo, resgatar lembranças que o instigam, que inquietam seu espírito e que lhe traz o sentimento de culpa pela perda de um amor, que ele considerava proibido.

O narrador de “Grande Sertão: Veredas” tenta negar a existência do diabo e a efetuação do pacto, pois esta afirmação seria reconhecer que ele teve culpa na morte de Diadorim. Essa que se caracterizaria como a consequência do pacto.

Riobaldo conscientemente efetuou o pacto com o demônio, ele teve um propósito para isso, queria ter coragem e o corpo fechado para matar Hermógenes, mesmo sem poder explicar o ódio que sentia pelo assassino de Joca Ramiro, compreendia que aquilo deveria ser feito.



**A relatividade entre o bem e o mal em “Grande Sertão: Veredas”**

Pensar sobre o bem e o mal segundo as reflexões do protagonista-narrador é entender esta dicotomia como a representação da relatividade entre ambos. Conta à estória que Riobaldo após ficar órfão de mãe vai morar com seu padrinho Selorico Mendes, este que além de hospedar em sua fazenda, faz com que o menino receba uma educação formal por um alvitre do anfitrião.

Quando rapaz, Riobaldo descobre que Selorico Mendes não é seu padrinho, mas seu verdadeiro pai. Revoltado, o jovem foge para Currálinho onde se torna professor do fazendeiro Zé Bebelo.

O aluno de Riobaldo confessa que sua dedicação aos estudos tinha um propósito: queria acabar com a jagunçagem, ou seja, pretendia civilizar o sertão, eliminando os bandos armados a serviço dos senhores particulares em permanente guerra contra todos.

O protagonista logo se inteira de que os inimigos de Zé Bebelo são chefiados por Joca Ramiro, a quem quando garoto nutriu imensa admiração. Agora influenciado pelos ideais de Bebelo, vê o líder dos jagunços como um dos causadores de tanto sofrimento e conflitos no sertão.

No entanto, ao longo da narrativa, percebe-se que o protagonista muda de opinião. Ele quando vagando no sertão, termina pousando numa casa onde se acham alguns jagunços, que lhe dão hospedagem. Riobaldo relata ter sido bem recebido por aqueles homens, em especial Reinaldo, que mais tarde lhe confia que usava um nome de guerra, sendo seu verdadeiro nome Diadorim. Riobaldo percebe que os jagunços não eram tão maus como Zé Bebelo descrevia. E por fim, quando o ex-aluno é capturado e julgado pelo bando de jagunços de Joca Ramiro compreende que na realidade o causador de tanta desordem e intriga era o fazendeiro.

Esta relatividade entre o bem e o mal também pode ser refletida na situação de Riobaldo como pactário, que tratada em sua inserção como missão pode ser julgada como a luta pelo bem coletivo, no caso, a vontade do bando, e principalmente pela pessoa que guardava um amor incompreensível - Diadorim. Assim, Antonio Candido destaca:

O jagunço, sendo o homem adequado a terra, (“O Sertão é o jagunço”), não poderia deixar de ser como é; mas ao manipular o mal, como condição para atingir o bem possível no Sertão, transcende o estado de bandido. Bandido e não-bandido, portanto, é um ser ambivalente, que necessita revestir-se de certos poderes para definir a si mesmo. O pacto desempenha esta função na vida do narrador, cujo Eu, a partir desse momento, é de certo modo alienado em benefício do Nós, do grupo a que o indivíduo adere para ser livre no Sertão, e que ele consegue levar ao cumprimento da tarefa de aniquilar os traidores, “os Judas”. (CANDIDO, 2000, p. 138).

Podemos observar que a relatividade entre o bem e o mal se estabelece a partir da concepção e da vontade humana. Riobaldo decidiu pactuar com o Demo para liderar o bando em que fazia parte, e assim, vencer o bando inimigo chefiado por Hermógenes, o qual foi jurado de morte após capturar e matar Joca Ramiro. Tanto para o protagonista da estória como para seu bando, a morte de Hermógenes se caracterizaria como algo bom, além de constituir a lei do sertão, o mais forte e corajoso é o vitorioso.

Dessa maneira, Riobaldo querendo vencer a qualquer preço seu inimigo - Hermógenes e sabendo que este através de um pacto com o Demo, tinha o corpo fechado para qualquer eventualidade, decide enfrentar o líder do bando adversário com as mesmas armas, no caso pactuar com as forças sobrenaturais para também ter o corpo fechado.

Por mais que o protagonista de “Grande Sertão: Veredas” não assuma a efetuação do pacto, a dualidade se torna visível quando o bem e o mal são postos um do lado outro, confirmando a dependência de ambos para existir.

Para Afrânio Coutinho (1986, p. 517), a representação da dualidade entre o bem e o mal na obra está marcada pelas personagens de Diadorim e Hermógenes e não por Riobaldo e Hermógenes. Isto porque, o protagonista em meio à incerteza de ser pactário, assume a posição de um herói problemático, aquele que diante ao conflito fica paralisado e não consegue tomar nenhuma atitude. Por isso, quem cumpre a missão de matar o vilão da estória é Diadorim, a representação do bem e como o próprio Riobaldo descreve o seu anjo-da-guarda.

Walnice Galvão (1986, p. 13) afirma que “Grande Sertão: Veredas” como qualquer outra obra de Guimarães Rosa apresenta várias interpretações para os seus enredos. O que acaba criando a ideia de um “labirinto”. O monólogo construído através de uma linguagem peculiar baseado no fluxo da memória do ex-jagunço cria um

ziguezague, desafiando o leitor a compreender o que o narrador-personagem tenta explicitar com seus relatos pessoais os fatos ocorridos em sua trajetória. A autora compreende que esse “labirinto” se configura a partir da ambiguidade da estrutura do romance, como também pelos fatos desencadeados na estória:

O princípio organizador da obra é a "ambiguidade" e que a estrutura do romance é também definida por um padrão dual recorrente: "A coisa dentro da outra [...] é um padrão que comporta dois elementos de natureza diversa, sendo um o continente e outro o conteúdo. [...] Tudo se passa como se ora fosse ora não fosse, as coisas às vezes são e às vezes não são. [...] Nas linhas mais gerais tem-se o conto no meio do romance, assim como o diálogo dentro do monólogo, a personagem dentro do narrador, o letrado dentro do jagunço, a mulher dentro do homem, o Diabo dentro de Deus". Isso se reflete no fato de se encontrarem, no meio do romance, estórias ou casos aparentemente como peças soltas, mas na realidade obedecendo a uma matriz estrutural. (GALVÃO, 1986, p. 13)

A ambiguidade dos fatos, assim como a relatividade entre o bem e o mal cria vários sentidos, é como se tudo girasse em torno da narrativa, porém os significados dependessem da interpretação dos leitores.

Vê-se em “Grande Sertão: Veredas” a mistura, em todos os níveis, entre o real e o irreal, o aparente e o oculto, o dado e o suposto. A soberania de Rosa, colocado na sua posição-chave, faz perceber a coerência da narrativa, fundindo o homem e a terra, manifestando o caráter único, total, do sertão enquanto mundo.

Guimarães Rosa em “Grande Sertão: Veredas” soube em bom tom aliar aspectos clássicos e modernos, temas universais e a cultura popular para descrever os costumes sertanejos mostrados cheios de mistérios onde o homem do sertão convive com problemas de ordem universal e eterna.

Esse romance, o único de Rosa, pronuncia, na década de 50, técnicas usadas por seus sucessores nas últimas décadas do século XX: dissolução, carnavalização, intertextualidade, hermetismo e ludismo. Nota-se em sua estrutura uma narrativa caótica e fragmentada, a utilização do cultismo, do arcaísmo, do coloquialismo, do regionalismo, a crise do sujeito (disfarce, travestismo), o gosto pelos sentidos enganosos, pela ilusão visual e pelas figuras de retórica (metáforas, alegorias, sinédoques, hipérboles, metonímia). Todos esses elementos estilísticos mostram o eterno conflito entre o ser humano e o destino que o espera, a luta sem tréguas entre o bem e o mal dentro de cada um, Deus e o diabo, a morte que nos despedaça, o amor que

nos reconstrói, num clima às vezes mítico, mágico e obscuro, porém muitas vezes contrastando com a rusticidade da realidade inquestionável.

### **Formas do pacto em “Fausto” e “Grande Sertão: Veredas”**

“Grande sertão: Veredas” e “Fausto” narram a estória de personagens que, por meio da busca existencial, apontam conflitos insolúveis no âmbito universal. No centro das biografias individuais e seus contextos históricos está o pacto com o diabo, denominando a questão da culpa, da responsabilidade, da esperança e da salvação. A sua forma e representação nos dois romances difere consideravelmente, espelhando respectivamente o confronto com seus objetos. O motivo do pacto com o mal, da venda da própria alma e das dúvidas provocadas é o foco mínimo que liga os romances estruturalmente. Não é o pacto que estabelece uma analogia ou um paralelo entre eles, é a respectiva origem de seus significados e o lugar de seu encontro no nível narrativo.

Nos dois romances, a construção da figura diabólica se dá através da prosa dos narradores. Em “Grande Sertão: Veredas”, Riobaldo apresenta o diabo ao interlocutor por diversos meios: a epígrafe do livro já trata do assunto: “o diabo na rua, no meio do redemoinho...” Guimarães Rosa recorre à cultura popular para esclarecer onde está o diabo. Segundo a crença popular, o diabo está sempre no meio do redemoinho, nas ventanias que antecedem as grandes tempestades, em agitações ou imperfeições da natureza. No início da narrativa, Riobaldo afirma ao seu interlocutor:

Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu -; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. (ROSA, 2006, p. 23).

Nesse caso, a imperfeição do animal, “bezerro branco, com cara de gente, cara de cão”, é atribuída às forças sobrenaturais, isso se dá, pois o fato não tem uma explicação lógica, assim tudo que é dito como inexplicável e considerado como “ruim, imperfeito, desajustado” é associado ao demo. Essa crença também está presente na cultura indígena, quando uma criança nasce com alguma deficiência (física ou mental), os índios sacrificam-na por acharem que aquela imperfeição é a representação do mal.

Em “Grande sertão: Veredas” o pacto combina elementos da cultura brasileira, no caso crenças e relatos sobre a aparição do demônio, esses que são transmitidos de geração a geração através da oralidade.

Na obra o diabo não aparece fisicamente, somente é aludido e mencionado com seus inúmeros nomes da cultura popular: cão, capeta, coisa-ruim, cramunhão, maligno, demo, encardido, , tinhoso, belzebu, Lúcifer, satã, satanás, etc.

O único indício externo da presença do diabo em “Grande Sertão: Veredas” é o redemoinho, a ventania, o silêncio após a evocação do diabo, os nomes atribuídos a ele e outros fenômenos relatos por Riobaldo, mas que sempre ficam sujeitos ao ceticismo moderno:

A encruzilhada era pobre de qualidade dessas. Cheguei lá, a escuridão deu. Talentos de lua escondida. Medo? Bananeira treme de todo lado. Mas eu tirei de dentro de meu tremor as espantosas palavras. Eu fosse um homem novo em folha. Eu não queria escutar meus dentes. Desengasguei outras perguntas. Minha opinião não era de ferro? ...Eu não ia temer. O que eu estava tendo era o medo que ele estava tendo de mim! Quem é que era o Demo, o Sempre-Sério, o Pai da Mentira? Ele não tinha carnes de comida da terra, não possuía sangue derramável... - “Lúcifer! Lúcifer!... – aí eu bramei, desengulindo. Não Nada... –” Lúcifer! Satanaz!... Só outro silêncio... –“Ei, Lúcifer! Satanaz, dos meus Infernos!”... Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. (ROSA, 2006, p. 419 e 422).

Em “Grande Sertão: Veredas” não há um pacto de forma clássica, aquele em que a outra parte apresenta-se fisicamente e ambos efetuam o pacto e sua valia baseia-se em um documento ou entrelaçamento de sangue, o que há é a transcrição da oralidade popular de como se realiza o pacto com o diabo. Assim, Riobaldo, mesmo sem ter presenciado antes um pacto, sabia como se preparar para tal trato a partir das informações recolhidas oralmente:

Em tal já sabia do modo completo, o que eu tinha de proceder, sistema que tinha aprendido, as astúcias muito sérias. Como é? Aos poucos, pouquinhos, perguntando em conversa a uns, escutando de outros, me lembrando de histórias antigas contadas. A maneira de que quase sem saber o que eu estava fazendo e querendo. De em desde muito tempo. (ROSA, 2006, p.354)

Riobaldo após associar todas as informações para a realização do pacto vai até as Veredas- Mortas e evoca o diabo, esse não aparece, mas o protagonista afirma que

sentiu algo se apoderar de seu ser e os fenômenos ocorridos naquele momento (redemoinho, a ventania) anunciavam a presença do demo:

Mas eu supri que ele tinha me ouvido Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o envir de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas, fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí umas tranqüilidades – de pancada. Lembrei dum rio que viesses adentro a casa de meu pai. Vi as asas. Arqueei o puxo do poder meu, naquele átimo. (ROSA, 2006, p. 398).

Neste caso, a confirmação do pacto aproxima dos indícios da relação entre mundo e religião. Em que afirma que um deus para existir precisa ser por nós pensado e julgado como um ser todo poderoso. Mesmo o diabo não aparecendo fisicamente na encruzilhada, o protagonista sentiu as forças sobrenaturais agindo dentro de si, sua “fé” permitiu que o pacto fosse efetivado.

Por mais que “Grande Sertão: Veredas” e “Fausto” abordem o mesmo tema, a configuração do pacto se dá a partir divergências. Uma dessas diferenças pode ser percebida nas estruturas das obras. Enquanto Guimarães Rosa dá voz ao pactuado através de um longo monólogo, Goethe estrutura seu “Fausto” em uma peça teatral, onde vários diálogos compõem a narrativa, porém o pactário não tem voz própria para descrever suas dores, angústias, indecisões após aceitar o pacto com o demônio.

Durante a narrativa de Fausto observa-se a relação entre o protagonista com seu amigo, com a mulher que diz amar, com pessoas que encontra na rua (mendigo, burguês) e com Mefistófeles, que sempre o influencia através de palavras cativantes, egoístas, ambiciosas.

Outro ponto divergente entre as obras é a manifestação do mal. Em “Grande Sertão: Veredas” o protagonista não sofre com privações durante sua trajetória de pactuado. Já Fausto ao encontrar um grande amor é impedido de corresponder esse sentimento. Ele afirma estar arrependido, quer voltar atrás, rever o pacto. Mefistófeles adverte que o pacto não pode ser quebrado e que a dor faz parte do acordo.

Depois desse episódio, Fausto age conforme seus desejos e ambições, ele torna-se um ser soberbo, egoísta, cruel. Enquanto Riobaldo se empenha apenas em realizar seu objetivo: matar Hermógenes. Esse fato comprova que a obra de Goethe apresenta alto índice de maldade, característica que a classifica como uma narrativa demoníaca, o que não ocorre em “Grande Sertão: Veredas”.

A presença do diabo nas duas obras se manifesta de modos diferentes. O demônio em “Grande Sertão: Veredas” não aparece fisicamente, sua aparição é relacionada aos fenômenos naturais (redemoinho, ventania). Já em “Fausto”, o diabo assume a aparência física de um cão, um mendigo, um homem culto.

Em “Fausto” o diabo não chega a ser evocado pelo protagonista devido a percepção de seus limites pessoais, ele aparece justamente quando este se sente mais perto de Deus. Fausto retorna uma vez mais a seu quarto solitário para meditar sobre a condição humana. Abre a Bíblia, no início do Evangelho segundo São João: “no princípio era o Verbo”. Considerando esse princípio cosmicamente inadequado, procura uma alternativa e finalmente escolhe e escreve um novo princípio: “No princípio era a ação”.

Ele se entusiasma com a ideia de um Deus que se define através da ação, através do ato primordial de criar um mundo; ilumina-se de vibração pelo espírito e pelo poder de Deus, e se declara pronto a reconsagrar sua vida as ações amplamente criadoras. Ao exclamar isso em voz alta teve a atenção voltada para o cão que encontrou no campo. Em segundos o quarto é revestido por um nevoeiro, detrás desse surge Mefistófeles. O próprio Satanás.

Nada de cheiro de enxofre, chifres, rabo ou cascos de bode. É um diabo da época do Iluminismo, um capeta secularizado. Aparenta ser igual aos humanos, ainda que imperando sobre ratos e insetos asquerosos. Mefistófeles apresenta-se vestido como um andarilho medieval. Ele veio para tramar um pacto de sangue com aquele doutor desesperançado:

**MEFISTÓFELES**

Por que tanto barulho?

Em que posso servir a Mestre tão eminente? (p. 59)

**FAUSTO**

Eras tu que no cão me inspiravas horror? (p. 59)

(...)

**MEFISTÓFELES**

Saúdo-te com agrado, meu sábio senhor!

Já me fizeste suar bastante até aqui vir.

**FAUSTO**

Como te chamas? Dize... (p. 59)

(...)

**MEFISTÓFELES**

Eu sou aquele gênio que nega e que destrói!

E o faço com razão; a obra da Criação  
Caminha com vagar para a destruição. (p. 59)  
(...)

FAUSTO

Que desejas em troca, alguma coisa à vista? (p. 71)  
(...)

MEFISTÓFELES

Desejo AQUI ficar como teu bom criado,  
Sem descanso nem trégua atendo a um aceno:  
Mas quando nos acharmos, depois, do outro lado  
Servir-me-às, também, muito humilde, e sereno. (p.71)  
(...)

FAUSTO

Se apenas isso julgas será suficiente,  
Aceito a farsa já, e o faço bem contente. (p. 74)

MEFISTÓFELES

O sangue humano é tinta ardente e especial! (p. 74)  
(...)

FAUSTO

... Lanço-me ao turbilhão, onde há dor e prazer.  
Ódio misto de amor, agradável tormento. (p. 75)  
(...)

MEFISTÓFELES

Oh, crê em mim! Em mim, oh fraco ser humano!  
Há milênios mastigo esse duro bocado,  
Que do berço ao sepulcro, em esforço insano,  
Nenhum homem jamais, na terra, há dominado! (p.75)

Mefistófeles usa de várias artimanhas para conquistar a confiança e a parceria de Fausto, ele chegar a explicar que sua função é personificar o lado sombrio, não só da criatividade, mas da própria divindade, e com isso esclarece o subtexto do mito judaico-cristão da criação. O diabo usa da persuasão para demonstrar o quanto é fiel para com aqueles que efetuam o pacto com ele:

“Não sou tão importante, e não tenho poder; se quiseres, porém andar a só comigo

Teus passos vou guiar por mil trilhas da vida...

Dar-te-ei assistência amistosa e agradável

Serei seu companheiro humilde e inseparável.... (p.71)

Fausto desiludido com sua busca existencial concorda com o pacto, ele aceita viver em um mundo onde as alegrias e as desgraças caminham juntas.



Se a composição do pacto se dá de formas diferentes em “Grande Sertão: Veredas” e em “Fausto”, outros aspectos relacionados a este acordo entre homens e diabo assumem semelhanças nestas narrativas.

Em ambas as obras, os pactuados conscientemente fazem o pacto para alcançarem determinados propósitos. Riobaldo efetua o pacto com o objetivo de matar Hermógenes, o inimigo de seu amor. Já Fausto alia-se a Mefistófeles com o objetivo de superar a insatisfação que sente perante a realidade, buscando a perfeição, o diabo também lhe permite desfrutar de todos os bens desejados pela humanidade: dinheiro, sexo, amores, fama e glória.

Fausto desfruta de todos os prazeres materiais: dinheiro, sexo, luxo, fama, glória. Riobaldo vê seu inimigo ser morto. No entanto, os pactuados sofrem com as consequências do pacto, Fausto é obrigado a abrir mão de seu amor, Gretchen. Enquanto Riobaldo carrega a culpa da morte de Diadorim.

Nessas obras os protagonistas compreendem o quanto o ser humano é limitado e necessitam da ajuda de forças superiores para alcançarem seus objetivos, entretanto, as consequências trazem a dúvida, o medo e a culpa.

### **Considerações finais**

O mito fáustico na literatura remonta à história de D. *Johannes Georg Faust* e seu suposto pacto com o demônio em troca do conhecimento absoluto. A lenda alemã serve de base para clássicos como “Fausto” de Goethe, “Doktor Faustus” de Thomas Mann, que por sua vez é o marco de um infundável cânone da Literatura Brasileira, “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa.

Esses autores, a partir dos personagens fáusticos representaram o embate entre o bem e o mal, a escuridão da alma, o senso do enigma latente na existência, a onipresença do pecado em meio à desesperada busca pela perfeição e pelo conhecimento absoluto.

Em cada uma dessas obras, os autores souberam aliar o misticismo, o ceticismo, o choque impetuoso entre o ser naturalmente conflitante e suas crenças sobre os fatos do mundo.

Analisar o pacto fáustico nesses clássicos da literatura é tentar compreender o quanto o homem se constitui como um ser limitado e insatisfeito. Enquanto o pacto com o diabo representa para os cristãos a maldade, as trevas, para os pactuados ele é o meio de vencer suas crises existenciais, o instrumento facilitador de romper as barreiras da vida e do meio em que está inserido.

Assim, diante aos conceitos sobre a dualidade entre o bem e o mal se configura a sua relatividade, fazendo com que a subjetividade do homem admita que um deus para existir, deve ser pensado e considerado como um ser todo poderoso, mesmo que esse pertença ao lado das trevas. O “dom” da superioridade é dado a um ser, conforme os princípios e os conceitos que o homem carrega dentro de si, assim, cabem a ele decidir em quem confiar e qual o caminho a seguir: Deus ou o diabo.

### **Referências bibliográficas**

BOLLE, Willi. *Grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese: ensaios*. 4ª Ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura do Brasil*. 6ª Ed. São Paulo, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Riobaldo, o homem das metamorfoses. In: *Personae: Grandes personagens da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

\_\_\_\_\_. *As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. Riobaldo de muitas faces. In: *Mínima Mímica: Ensaio sobre Guimarães Rosa*, publicado pela Companhia das Letras em maio de 2008.

\_\_\_\_\_. *Guimarães Rosa*. São Paulo : Publifolha, 2000.

GOETHE. *Fausto & Werther*. Tradução Alberto Maximiliano. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2003.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Trilhas no Grande Sertão*. In: *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.